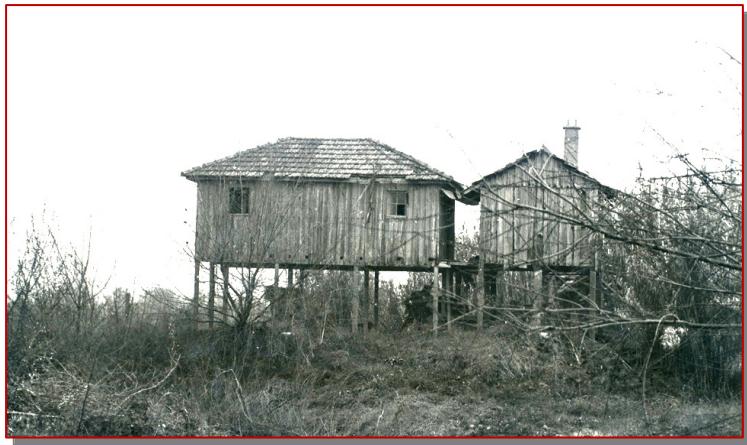




## FOLHA INFORMATIVA Nº 35/2009

### ANDANÇAS PELA MEMÓRIA *A última Avieira da vala de Alpiarça*

Um dia “convidei-me” e fui com Manuel Fernandes recolher as redes na vala de Alpiarça. Era Abril, o tempo primaveril mas, no barco, entre salgueiros, o sol já tinha características de verão.



A pesca naquele dia, como vinha acontecendo quase todos os dias, desde há muito, resumiu-se a uns poucos lagostins de água doce e quase nada mais. Lá íamos a conversar quando, mais para diante, numa curva do rio se

avista a proa de um barco e, à vara, qual é o meu espanto, assim me pareceu, uma mulher.

“É a Iria, do Tôco”, esclarece-me o senhor *Manel do Tôco*, porque lá viveu e lá deixou testemunho, a sua barraca, a única que ainda teima manter-se de pé. Nasceu em Vale de Cavalos, porque calhou. A sua mãe por aí andava a vender peixe pelas portas, quando chegou a hora de conhecer este mundo. Isto no último dia de 1927.

Deixaria o lugarejo piscatório, implantado em terreno do “senhor Doutor Canavarro”, como a D. Iria carinhosamente o trata, por volta de 1987. Não é que já estivesse farta de aí viver. Não senhora!

“Fui a última a vir-me embora. Vivia lá sozinha. Enquanto a minha cunhada esteve lá a viver, deixei-me estar. Eu gostava de lá viver, porque a minha barraquita estava muito boa. Tinha dois quartos, toda forradinha por dentro. Não gostava nada de vir para

Alpiarça. Tenho bastantes saudades. Também tinha que deixar de pescar, porque me apareceu um problema de ossos”.

Mas não deixou, como fomos testemunha. Bem que as filhas a tentassem demover das suas constantes idas para a vala e das preocupações que tinham, às vezes, por noite dentro e a D. Iria sem regressar. Durante muitos anos, sozinha, continuou a sua safra. “Gostava de por lá andar, não tinha medo nenhum. E *na* pense o senhor que era por precisão, *na* senhor. Parecia que sentia uma obrigação de continuar a pescar depois da morte do meu *home*”.

Era como se tivesse recebido esse testemunho e o tivesse que manter, não era?, questionei. “Sim, senhor. *Atão*, eu fui lá criada e desde pequena que fazia aquilo”.

As origens da sua família, como a esmagadora maioria dos avieiros de Alpiarça, provinham do litoral dos concelhos da Marinha Grande e Leiria.

“O meu pai, que era serrador, veio da Vieira, mais a minha mãe, ajudante dele, onde trabalhavam também os avós do Manuel Grilo. Os meus avós eram do Pedrógão e pensaram em vir aqui para este rio [vala].

Neste rio, não existia um pescador. Só existia o pai do Manuel Joaquim, era o meu pai e o meu tio.

A minha mãe em solteira, antes de ajudar o meu pai na madeira, vivia de vender sardinha, daqui e dacolá.

O meu tio e o meu avô, viveram toda a vida aqui, debaixo daquela ponte da Gouxa, nos eucaliptos [junto à EN 118, a menos de um quilómetro de Alpiarça, quando se vem de Almeirim].

O meu avô deixou aquela herança [pescar no paúl da Gouxa] aos dois filhos, o meu pai e o Joaquim Grilo (pai do Manuel Joaquim e do Rui Grilo).” Desavenças entre irmãos, que chegaram ao confronto físico (porque um se achava “herdeiro” único da pesca natal paúl), fizeram com que o pai de Iria Grilo abalasse e se fixasse, até à morte, no Tôco.

“De vez em quando, o meu pai, nas invernias, ia dar um retiro até Vale de Cavalos, para uma casita de um senhor, que a “dava” à gente para lá vivermos e depois voltávamos às nossas barracas.”

De um pego junto à ponte de Vale de Cavalos, tirou ele várias crianças, que aí se afogaram.

“O último rapazinho (diz-nos D. Iria) que ele foi lá tirar, já ele andava muito doente, muito engripado, foi a pedido da mãe: 'Oh senhor Manel, você vá tirar o *mê* filho do fundo da vala' e desta maneira e daquela. 'Ai, quem é que lá vai tirar o *mê* filho?'.

O meu pai, coitadinho, foi lá tirar o cachopo e a partir daí recaiu de uma maneira tal, que ele nunca mais se endireitou, da doença que teve, que lhe causou uma tuberculose.”

Morreu aos 50 e tal anos, deixando 12 filhos.



E como é que viviam se, naquela altura, os pescadores raramente trabalhavam no campo?

“Olhe, éramos uma pobreza pendurada, quando o meu pai morreu, tinha eu doze anos. Mas antes disso,

com ele doente, eu é que lhe fazia a comida, é que o lavava, é que o vestia.

Depois o meu pai morreu, comecei a trabalhar, aqui para as Meiras [casa agrícola das Meiras] e fazia uma coisa e outra. Fazia redes, trabalhava e pescava. Com cinco anos já eu fazia redes.

Não sei se você conhece os Paços, os Marianos, a Parreira [aldeias de Almeirim]? Quando o meu pai recaiu e depois morreu, deixou um meu irmão com três anos, de maneira que a minha mãe, havia aquelas ribeirazitas e pegos pelas charnecas e a minha mãe ia para lá, por aqueles montes e casais, com esse meu irmão ao colo, andava com uns estromalhos e um barquito pequenino, de pego em pego, apanhavam dois, três quilos de peixe, a minha mãe *pantava* aquilo numa *cestota* e ia de monte em monte, com o menino ao colo e por muito pouco peixe que levasse, vinha carregadinho, era pão, era morcela, farinheira e toucinho e fomos assim ajudados por toda a gente.”

Ilda Grilo, com cerca de seis anos quando ficou órfã de pai, corrobora naturalmente o testemunho de Iria.

Enquanto a mãe andava a cavalo de um burro a comprar ovos, outros dados, para tentar contrariar a doença do pai, “a gente, eu e mais os meus irmãos, agarrávamos num cesto e íamos ao embalde na vala.”

O que é isso?, questiono.

“É pôr o cesto assim [dentro de água] e depois batíamos a água e o peixe entrava dentro daquele cestozito. Uns assados, outros cozidos. Outras vezes, íamos aos saramagos e cozíamo-los, de água e sal. Eu sei como a gente se criou. À vista de hoje, agora somos ricos.”

Mas voltando à conversa com a D.<sup>ª</sup> Iria, pergunto-lhe se era verdade nem colheres terem para comer?

“As nossas colheres? Eram as conchas das amêijoas. Depois, por vezes, íamos roubar nabos lá ao guarda da propriedade, não era o Galvão, era o António de Pêso; outras vezes, ia lá dar com a gente, ralhava. Mas a fome era tanta, migavam aquilo, nem escolhiam as lagartas, não escolhiam nada. Era *postos* para água quente e ferviam, faz de conta que eram para os porcos. Só víamos as lagartas quando estava tudo no resto.”

Em criança fez redes, na adolescência calhou-lhe cuidar do pai. Trabalhou depois no campo. Ajudou na pesca.

Também desde muito nova vendeu peixe na praça de Alpiarça e em Vale de Cavalos. Quando a venda não era famosa no mercado “tínhamos que ir vender pelas portas. Naquela altura eram muitas [as vendedoras], vinham as do Tejo, ali das Barreiras. Vinham para aqui vender – a minha sogra – sável, saboga macho e fêmea, os barbões e aqueles cumbos muito grandes”.

Lugar das Barreiras<sup>1</sup>, do lá de lá do Tejo, junto à foz do Alviela, que conheceu, não só por o seu defunto marido ser de lá, mas também por aí ter vivido durante dois anos, onde pescou com os sogros.

---

<sup>1</sup> Aldeia avieira da *Barreira da Bica*, na foz do rio Alviela, na freguesia de Vale de Figueira, concelho de Santarém.

Na vala, porque à pesca no Tejo raramente lá voltaria, a partir do momento em que passou a viver no Tôco, a safra tanto se fazia de dia, como de noite, quantas vezes, na fuga às autoridades.

As vezes que voltou à outra margem do maior rio ibérico, aconteceram sempre de noite, quando os sogros, como praticamente todos os pescadores, abalavam para águas de maré, à pesca do sável. Então, com o marido, iam do Tôco pescar, também pelo Alviela. Para lá, a bicicleta tornava a viagem mais rápida. Para cá, era o peixe que vinha “a cavalo”.

Foram tempos difíceis, remato eu, mais em afirmação do que em interrogação.

“Ah, do pior, do pior. Foram vidas tristes que a gente passou. Ainda me lembra de ir pedir, mais o meu irmão que só tinha um ano e dois meses a mais que eu. Cheguei ir pedir à Lagoalva, vínhamos carregados de comer. A dona, que já morreu, era uma senhora muito boa. Quando ela lá via a gente, ela não nos deixava sem que a barriga não viesse cheia e um farnelzinho para os que estavam em casa. Tivemos muitas ajudas, esmolas.

Era uma vida de pobre, miserável, mas tenho pena daquela vida.”

E naquilo pára a fala e parece que fixa a vista uns anos atrás, se calhar no Tôco, se calhar nesse tempo miserável, mas onde certos desgostos não lhe tinham ainda batido à porta.

Pequenas estórias da vida de uma mulher da comunidade piscatória de Alpiarça. Afinal, uma vida como a de tantas outras mulheres avieiras. Mas a desta está associada ao facto de ter sido a última, que na sua “caçadeira”, ainda há poucos anos, se via vala fora, na faina.

*Ricardo Hipólito*



Vítor Lopes

Nota: esta foto da D. Iria do Tôco é da autoria de Vítor Lopes, fotógrafo de Alpiarça, nosso amigo e um apaixonado pela cultura dos da Borda-d'água, como nós. Muito lhe agradecemos a sua foto, incluída nesta Folha Informativa.

Esta Folha é da responsabilidade do Eng.º Ricardo Hipólito, membro da Equipa Central de Coordenação do nosso projecto, a quem mais uma vez bastante agradecemos pela sua colaboração. Ficamos a aguardar mais trabalhos do seu vasto portfólio de pesquisa sobre os Avieiros de Alpiarça, e não só.